

UMA VISÃO DO PARAÍSO:

Aqui ou ali, discernimos a escritura: uma partilha sem simetria desenhava de um lado o fechamento do livro, do outro a abertura do texto De um lado a enciclopédia teológica e segundo o seu modelo, o livro do homem. Do outro, uma rede de traços marcando o desaparecimento de um Deus extenuado ou de um homem eliminado.

Jacques Derrida: *Elipse*.¹

The world is holy! The soul is holy! The skin is holy!
The nose is holy! The tongue and cock and hand
and asshole holy!²

Allen Ginsberg: *Howl*.

Não creio que seja possível encontrar um caminho que faça da velha religião alguma coisa nova. Uma nova religião só pode surgir sobre as bases de uma nova sociedade e junto com ela.

Herbert Read: *O Anarquismo e o Impulso Religioso*.

¹ DERRIDA, Jacques. *Elipse*. In.: A Escritura e a Diferença. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2002. p.73.

² “O mundo é santo! A alma é santa! A pele é santa! O nariz é santo! A língua o pau a mão e o cu santos! (tradução minha)”

A escrita como ritual. Literatura-transgressão. A letra ultrapassa a folha do papel, borra a tela do micro, escreve palavras repletas de amor, toma para si uma sombra no Paraíso. Reconstituí a mente. Mente. As idéias. Dão fruto. Caem na real. Buscam o leitor. Fogem do real. Paraíso. Utopia. Há um mistério. Pontos de partida e chegada não antevistos. Não apenas estar no mundo. Queda. E, profano, dar lugar a tudo o que é Sagrado. O corpo. O erro. Eros. Amor. Sexo. Escrevendo. Escrevendo-se.

“Tenho que confessar: escritor é um ser imperfeito, suspirando pelas coisas perfeitas.”³ Daí, a inquietude. Eis a face do intelectual João Silvério Trevisan: um *outsider*. Um desadaptado. Ele é um intelectual no sentido emprestado por Said.⁴ Em toda sua vida política, jamais se filiou a partidos, ocupou cargos oferecidos pelo governo ou abandonou sua postura crítica. Ex-seminarista, procurou fugir de todos os dogmas, todos os aprisionamentos. Ao ser perguntado, numa entrevista a revista *Caros Amigos*, se fora filiado ao Partidão, responde:

Nunca fui. Tinha uma proximidade muito grande, mas jamais conseguiria, porque alguém que esteve na Igreja é vacinado contra tudo quanto é partido e dogma. Eu fazia crítica direto, tinha embates sérios com meus amigos. Uma vez fomos estudar *O Capital* e aí, no primeiro dia, primeira página, eu abro e falo: “Não estou conseguindo entender essa primeira frase com o que foi dito na segunda”. E um dos meus sócios deu um murro na mesa e disse: “Marx não se discute!” (risos) Eu falei: “Até logo! Eu discuto”, E fui-me embora.⁵

Sua independência é atestada logo no seu livro de estréia, *Testamento de Jônatas deixado a David*, quando, ao invés de escolher o apadrinhamento de um escritor

³ TREVISAN, João Silvério. *Pedaços de mim*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 58.

⁴ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 16.

⁵ CAROS AMIGOS. São Paulo: Casa Amarela, nº 43, out 2000.

célebre ou crítico literário, ele prefere se auto-apresentar no texto de orelha do volume. Com uma dose de humor, pede que não confundam seu nome, Trevisan, conferindo-lhe parentescos irreais ou realizando comparações gratuitas. A referência jocosa certamente era dirigida ao contista curitibano Dalton Trevisan. Dos dois modos, recusa o empréstimo de um nome imponente, a legitimação de um patronato qualquer.

A postura intelectual adotada por Trevisan, um imperfeito que busca as coisas perfeitas, se confunde com a idéia de vocação literária. Assim também como a vida “real” e a vida “literária” se misturam e, num jogo em que os contrários se sobrepõem, se contradizem, reconstruindo novas subjetividades, multiplicando-se na escrita e sendo multiplicado por ela, assumindo o próprio papel de personagem em composição, imperfeito: “O escritor que leitores/as conhecem é antes de tudo fruto de uma fantasia, e sua imagem pública pode induzir às mais banais decepções.”⁶

O leitor cria o autor, tanto como o autor cria a si mesmo e projeta sua fantasia para o leitor. Ambos são fantasmas um do outro. Do mesmo modo como repousa sobre eles todo o peso de uma tradição cultural e afetiva e a negação de autoria pura: “Em literatura igualmente não existe um texto com assinatura única, mas espoliações constantes e influências tantas que dificultam a exata fronteira entre as autorias. Daí a pergunta assustadora: então, não seria tudo plágio?”⁷

A resposta virá em uma espécie de declaração de amor em que o dialogismo e a intertextualidade recuperarão a memória esquecida: “Eu pensava: como é possível escrever abandonando aqueles que vieram antes de mim e escreveram coisas tão deliciosas? A melhor maneira de não deixá-los no esquecimento é comungá-los, incorporá-los ao meu texto.”⁸

A intertextualidade será empregada no conto “Testamento de Jônatas deixado a David”, onde Trevisan utilizará a fonte bíblica para reinterpretar o amor cristão, dando uma conotação mais abrangente para o “sagrado”, o “mistério”, e, de tal modo, fazer uma crítica à postura homofóbica da Igreja, que incute culpa e reprime suas possibilidades eróticas e religiosas.

O escritor se veste de máscaras. Sob a pele de suas personagens, pode-se tocar o homem? Antes, é preciso compactuar de suas fantasias. Trevisan, quando definiu seu

⁶ TREVISAN, 2002. p. 57.

⁷ *Ibid*, p. 60.

⁸ *Ibid*, p. 64.

processo de composição de escrita, lançou dúvidas da existência de uma fronteira nítida dividindo os terrenos da ficção e da autobiografia. O relato torna-se, num certo sentido, confissão. Da personagem. Do escritor. Do leitor. Um ex-seminarista. Um guei. Falando, escrevendo e lendo. Lado a lado, descobrimos nossas diferenças, estabelecemos novas identificações. No processo *de* contar e *se* contar, enquanto ser desejanter, reside o perigo e o desafio. Há potência no ato que se cristaliza, mas não se imobiliza. Transgride-se a ordem, nega-se a homogeneidade do ser, liberta-se. E há, indiscutivelmente, fé. Não uma fé programada e robotizada. Mas uma fé amorosa, diferente da proposta pela Igreja.

Na adoção do sentido bíblico, a palavra latina “confiteri” significa o reconhecimento da própria fraqueza e miséria, para que sobre elas hajam a misericórdia e glória divinas. A confissão católica nunca está livre da noção anterior de pecado. É este o sentido conferido por Santo Agostinho, no século V, em seu célebre *As Confissões*.⁹

Pensemos, então, a confissão nos contos de Trevisan como uma forma de libertação, expiação e purgação da personagem. Ou, ainda, o impulso do escritor de falar a respeito da sua experiência íntima – o homoerotismo e a vivência religiosa.

Dos vinte e oito contos existentes em *Testamento de Jônatas deixado a David e Troços e Destroços*, dezessete deles apresentam situações em que o homoerotismo se faz tema central ou circunscreve a ação das personagens. É um número muito representativo, suplantando mais da metade da produção do autor. Neles, percebemos também algumas recorrências e características que se tornaram peculiares na maneira de João Silvério Trevisan escrever. O papel da memória como desencadeadora de dramas interiores, a vivência do trágico e do sublime, a pungência dos amores desfeitos, não concretizados, o desafio e a entrega a um destino em que a dor está sempre presente, mas também, a busca intensa pelo ideal, a coragem de avançar mesmo contra a corrente, a entrega à violência dos próprios sentimentos, o agudo senso crítico, a poesia da linguagem.

A experiência religiosa e a militância política na vida de um autor como João Silvério Trevisan, que almeja a unicidade entre vida e obra, aparecem reproduzidas e reinterpretadas em sua escrita, como esclarece Valmir de Souza:

A produção do escritor está vinculada basicamente à desconstrução de um “equipamento” cultural adquirido ao longo de sua experiência religiosa e

militância política, expondo um universo marcado por uma visão bíblico-religiosa de mundo, pois as obras analisadas estão circunscritas a este campo ainda que busque desfazê-lo e reconstruí-lo numa outra versão.¹⁰

Trevisan, fiel a idéia de que o conhecimento não é uma propriedade intelectual única e unívoca, faz uma outra exegese do texto bíblico e, como um Lutero contemporâneo, reinterpreta-a. Mas, para que se possa entender perfeitamente a razão dessa sua escolha, não somente embasada no fato de passar dez anos da sua vida num seminário católico, é preciso, primeiramente, analisar de que maneira a Igreja Católica vê o homoerotismo e como monta seu discurso a esse respeito.

4.1 IGREJA E HOMOFOBIA: INFERNO DOS OUTROS

Foi a Igreja Católica, por meio de seu sistema de “educação”, e não somente o Estado português, que tinha como papel principal dotar a Colônia de uma administração, um dos principais artífices a moldar a moral da vida privada de índios, escravos africanos e homens e mulheres nascidos no Brasil, no período que vai desde o “descobrimento” até o grito de independência no Ipiranga:

O papel da Igreja se tornava relevante. Como tinha em suas mãos a educação das pessoas, o “controle das almas” na vida diária, era um instrumento muito eficaz para veicular a idéia geral de obediência e, em especial, a de obediência ao poder do Estado. Mas o papel da Igreja não se limitava a isso. Ela estava presente na vida e na morte das pessoas, nos episódios decisivos de nascimento, casamento e morte. O ingresso na comunidade, o enquadramento nos padrões de uma *vida decente* (grifo nosso), a partida sem pecado deste “vale de lágrimas” dependiam de atos monopolizados pela Igreja: o batismo, a crisma, o casamento religioso, a confissão e a extrema-unção na hora da morte, o enterro em cemitério designado pela significativa expressão “campo santo”.¹¹

⁹ AGOSTINHO, Santo. *As confissões*. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro, (s.d.).

¹⁰ SOUZA, Valmir de. *Leituras Especulapres do Escritor João Silvério Trevisan*. 1999. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – USP, 1999. p. 90.

¹¹ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1995, p. 60.

Ainda em 1500, antes mesmo que os representantes oficiais da Coroa Portuguesa, que lideravam a expedição de Pedro Álvares Cabral, pisassem o chão firme e declarassem a posse do território, acontecida somente no dia 1º de maio, antes mesmo de ser rezada a “primeira” missa solene, rezou-se uma outra missa no dia 26 de abril, missa de purificação e preparação, oficiada por frei Henrique de Coimbra no ilhéu de Coroa Vermelha.¹²

O poder da religião, na época do Brasil colonial, era tamanho, que o papel da instituição, no caso, a Igreja Católica, se confundia com o do Estado, legislando sobre o espírito, mente e corpo dos fiéis. Se a religião do Estado era a católica, os súditos tinham de necessariamente ser católicos também.

Se inicialmente houve predominância do poder de Estado sobre a Igreja com o “padroado real”, uma concessão da Igreja de Roma ao Estado português, na qual a Coroa se comprometia a assegurar os direitos e a organização da Igreja nas terras descobertas, podendo, inclusive, criar dioceses e nomear bispos, com o tempo as ordens religiosas foram alcançando um determinado grau de autonomia, “na medida em que se tornaram proprietárias de grandes extensões de terras e empreendimentos agrícolas.”¹³

Mas, e o que pensava e pensa a Igreja em relação às práticas homoeróticas? Não podemos ignorar o impacto do seu “juízo” na formação da mentalidade sexual da sociedade brasileira. Mesmo depois da proclamação da República, a Igreja continuou a influenciar a política de um Estado que deveria ser laico. A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB está sempre se manifestando publicamente diante das questões que se referem aos direitos civis e à cidadania no Brasil, seja condenando o aborto e a homossexualidade, seja apoiando programas de combate à fome como o do Betinho. Esta postura estará refletida na representação literária articulada por Trevisan, na culpa que sentirão seus personagens, na dificuldade em se assumirem gueis.

Ainda nos dias de hoje, a conduta da Igreja cristã de tradição judaica tem sido – em sua esmagadora maioria, em face da diversidade de credos e ramificações que possui – a de condenar a prática homoerótica.

¹² TAPAJÓS, Vicente Costa Santos. *História da América*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979, p. 76.

¹³ *Ibid*, p. 61.

RELIGIÃO E ANARQUISMO

Proudhon diz que Igreja e Estado, para exercerem o controle dos fiéis e governados, defendem os seguintes dogmas:

1. a maldade inerente à natureza humana;
2. a inevitável desigualdade das fortunas;
3. a permanência das lutas e das guerras;
4. a irremediabilidade da pobreza.

De onde se deduz:

5. a necessidade de que haja governo, obediência, resignação e fé.¹⁴

Mesmo com o “desligamento” da Igreja do Estado-Nação, certo é que as instâncias do político e da religiosidade ainda estão fortemente ligadas em todo o decorrer do século XX e também neste início do século XXI. Em ambos encontra-se presente a idéia de um poder mediador da sociedade fora do indivíduo. Não existe política sem religião. A divindade manifesta-se a partir de múltiplas personificações: Partido, Estado, Progresso, Ciência, Moral etc. E os fiéis, cidadãos, crentes e congêneres sentem a necessidade de entregar-se e submeter-se a essas manifestações do Divino. Descomprometem-se consigo mesmos para, então, seguir o que enxergaram como sagrado.¹⁵

Advirto que não pretendo realizar um exercício interpretativo das escrituras bíblicas, que, ao meu ver, seria de todo improdutivo. Não resta dúvida de que há prós e contras no que se refere ao homoerotismo presente nos escritos sagrados judaico-cristãos.¹⁶ Independentemente do que está escrito na Bíblia, a Igreja Católica, assim como as neopentecostais, vem perseguindo e acusando sistematicamente os praticantes do homoerotismo. O que se esconde por trás da postura homofóbica da Igreja não se refere à fidelidade ao texto bíblico, tanto que a homossexualidade, tal qual a heterossexualidade, não é sequer mencionada entre os pecados capitais, mas, sim, a luxúria, que pode se tornar uma dimensão de qualquer sexualidade. Se esta fosse sua verdadeira intenção, forçosamente o Vaticano não poderia fechar seus olhos para a realidade da vida no decorrer de toda nossa história: o convívio do sexo não-procriativo como algo natural entre os casais. Afinal, o

¹⁴ PROUDHON, Pierre-Joseph. *A velha e a nova sociedade*. In.: *Os grandes escritos anarquistas*. Trad. Júlia Tettamanzi e Regina Becker. Porto Alegre: LP&M, 1981, p. 277.

¹⁵ MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político*. 3ª ed. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 38.

¹⁶ Para maior aprofundamento desta questão, vide o livro de Daniel A. Helminiak: *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade*, publicado no Brasil pela Editora GLS no ano de 1998.

Catolicismo defende o celibato para o clero. Sua omissão a esse respeito só pode ser compreendida pelo ato de negação do prazer sexual do ser humano como fonte de saúde emocional e bem estar individual. A repressão dos impulsos sexuais tem levado mais e mais pessoas aos divãs dos psicanalistas, aos consultórios de psiquiatras, aos bancos das igrejas, às celas das prisões e ao túmulo. A preocupação da Igreja está focada numa direção mais tortuosa. Ela quer, sim, desviar a atenção de que o princípio procriativo não é respeitado nem mesmo dentro das naves de seus templos. E, pior, além do conhecimento comum de que grande número de padres e freiras pratica o sexo permitido pela lei, descobre-se que, em razão do grande recalque e sentimento de culpa com que são forçados a viver, outra boa parte termina por submeter seus supostos fiéis a crimes de pedofilia e violência. É esta a preocupação da Igreja Católica, escamoteada numa cruzada antiguei.

NOVAS CRUZADAS?

Em entrevista concedida à revista *Somos*, o padre José Antônio Trasferetti, que foi transferido de sua paróquia em Campinas, São Paulo, por tentar criar uma pastoral que incluísse também os geis da comunidade, comentou o problema da Igreja com os padres homossexuais:

Esse é outro problema que as autoridades eclesiásticas ficaram preocupadas quando comecei a falar sobre isso, com certo receio de que, quando eu falasse de homossexualismo (sic) na periferia, viesse à tona esse problema da Igreja. Eu normalmente escapo dessa pergunta, eu digo que não conheço esses dados, que só sei mesmo é da periferia, eu realmente não sei... A minha impressão é de que é um problema real, que a Igreja vai ter que tratar em um futuro bem próximo.¹⁷

Três Encíclicas Papais (*Veritas Splendor*, de 1993, *Evangelium Vitae*, de 1994, e *Fides et Ratio*, de 1998), divulgadas no final do século passado, consideravam a homossexualidade amoral, um desvio da normalidade e uma aberração.¹⁸ Em setembro de 2003 o jornal *Folha de São Paulo* noticiou uma campanha mundial do Vaticano contra a união civil homossexual. O Papa João Paulo II aprovou um documento no qual solicitava que os políticos católicos de todo o mundo se pronunciassem de forma clara e incisiva contra as

¹⁷SOMOS. São Paulo: Setti, nº 1, jun 2000, p.33.

¹⁸*Ibid*, p. 29.

leis que favorecessem a união civil.¹⁹ Foi o que fez o clero espanhol, em dezembro de 2004, quando o governo local tentou aprovar um projeto de lei para oficializar as uniões civis entre gays, manifestando-se publicamente e definindo a homossexualidade como “uma tendência mais ou menos forte, em direção a um comportamento intrinsecamente mal do ponto de vista moral.” Os bispos espanhóis ainda ponderavam que “a inclinação homossexual, ainda que não seja pecaminosa, *deve* (grifo nosso) ser considerada como objetivamente desordenada” e, acrescentavam, “é sempre, por si, eticamente reprovável.”²⁰ E, tão logo o projeto de lei foi aprovado pela Câmara dos Deputados, o jornal do Vaticano, *L’Osservatore Romano*, afirmou que esta era “uma derrota desalentadora para humanidade”. O arcebispo espanhol e vice-presidente emérito da Comissão do Vaticano para a América Latina, Cipriano Calderón Pólo, classificou como “uma vergonha” para o país, tendo o cardeal Renato Martino, presidente do Conselho Pontifício Justiça e Paz, julgado que a lei “não reflete a vontade do povo espanhol.”²¹

Semelhante postura adotaria o novo papa, Joseph Ratzinger, que, logo ao assumir o pontificado, declarou ser a homossexualidade “uma depravação e uma ameaça à família e à estabilidade da sociedade.”²²

O ataque se intensificou ainda mais no ano de 2006. Em fevereiro, o Vaticano organizou diversas conferências com teólogos e psicanalistas católicos, alguns deles responsáveis pela “instrução para excluir homossexuais do sacerdócio”, e tendo como objetivo único frear a legalização, em vários países, da união civil e direito à adoção por parte de homossexuais. O papa Bento XVI se posicionou claramente contra a regulamentação das uniões civis e Pactos Civis de Solidariedade (PACs).²³ Ou seja, reprovando mesmo a ação dos não-católicos fora das paredes da Igreja. A culminância desta ação nefasta e homofóbica aconteceu em junho de 2006, por meio de um documento no qual a Igreja Católica divulga sua condenação à união civil e a define como uma séria ameaça à continuidade da raça

¹⁹ *Vaticano lança campanha mundial contra a união civil homossexual*. FSP 31/7/2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u60898.shtml>>. Acessada em 28/9/2006.

²⁰ *Clero espanhol insiste em reprovando homossexualidade*. FSP 24/12/2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u79512.shtml>>. Acessada em 28/9/2006

²¹ *Casamento gay na Espanha é “derrota para humanidade”, diz Vaticano*. FSP 02/07/2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u85308.shtml>>. Acessada em 28/9/2006

²² *Ultraconservador, novo papa condena gays e adoção*. FSP 19/04/2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u82967.shtml>>. Acessada em 28/9/2006

²³ *Vaticano lança ofensiva contra cultura gay no mundo*. FSP 20/02/2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u58082.shtml>>. Acessada em 28/9/2006

humana e podendo provocar a extinção da família.²⁴ O que não se considerou é que as práticas homoeróticas, resultando em relacionamentos duradouros ou não, sempre ocorreram tanto entre homens e mulheres quanto em quase toda parte da fauna existente no planeta desde que o mundo é mundo, sendo que a população mundial nunca cessou de crescer..

O que se tenta varrer para debaixo do rico tapete da Igreja é a proliferação de escândalos sexuais entre clérigos católicos, protestantes e anglicanos. E não se trata de escândalos entre homens e mulheres independentes agindo nos plenos poderes de suas vontades. Não. Trata-se de pedofilia, estupro e assédio.

A rede de tevê americana CBS informou, em 2003, a existência de uma política, que perdurava há mais de 40 anos, para esconder os casos de abuso sexual cometidos por sacerdotes. O informe confidencial foi preparado pelo Cardeal Ottaviani em 1962, anunciando a expulsão da Igreja de qualquer pessoa que viesse a comentar o assunto.²⁵ Quando, em 2002, boa parte dos escândalos foi noticiada pela imprensa, o presidente dos EUA, George W. Bush, visitou o papa João Paulo II dizendo-se preocupado com a reputação da Igreja Católica.²⁶ Mas isso, somente depois de uma juíza proibir a Arquidiocese de Boston de manter em segredo milhares de documentos a respeito de 65 padres acusados de pedofilia, deflagrando uma onda de denúncias em outras partes do país.²⁷ Isso acabou resultando numa pressão para que a Igreja Católica nos Estados Unidos aplicasse uma política de tolerância zero. O jornal *The Dallas Morning News* apresentou uma pesquisa em que, pelo menos, 111 das 178 maiores dioceses católicas dos EUA eram lideradas por homens que protegeram padres ou outros funcionários da Igreja acusados de abusos sexuais.²⁸ Surpreendentemente, João Paulo II admite que abuso sexual de menores é pecado e crime, mas que era errado abandonar as esperanças de recuperação dos condenados. No ano de 2003, o Vaticano promoveu um debate secreto para discutir a pedofilia. Teria saído de lá a contra-ofensiva de intolerância contra os gueis? No mês de julho do mesmo ano, a Igreja reconheceu que 789

²⁴ Vaticano divulga documento contra manipulação genética e união gay. FSP 06/06/2006 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u96686.shtml>>. Acessada em 28/9/2006.

²⁵ Vaticano esconde casos de abuso sexual há 40 anos. FSP 06/08/2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u61244.shtml>>. Acessada em 28/9/2006

²⁶ Bush se diz preocupado com Igreja Católica nos EUA. FSP 28/05/2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u16445.shtml>>. Acessada em 28/9/2006

²⁷ Juíza proíbe igreja dos EUA de esconder dados sobre pedofilia. FSP 26/11/2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u24948.shtml>>. Acessada em 28/9/2006

²⁸ Bispos sofrem pressão para expulsar padres pedófilos. FSP 12/06/2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u17118.shtml>>. Acessada em 28/9/2006.

peessoas foram vítimas de abusos somente em Boston, acusando 237 sacerdotes da região. É um número deveras alarmante, sem dúvida alguma.²⁹

Gueis de vários lugares do mundo (Espanha, EUA, Brasil etc.) protestaram em passeatas, ameaçaram abandonar o batismo, se mobilizaram em manifestações que atraíram a atenção da mídia de massa.

Não há como negar a influência homofóbica promovida pela Igreja, reforçando o preconceito e a intolerância quanto às diferenças sexuais. A perseguição empreendida contra os gueis toma contorno de uma caça às bruxas. Tornando-se ainda mais aviltante nos países de maioria católica, como é o caso do Brasil. Seu legado cultural é arbitrário e extremamente autoritário.

Trevisan, que escreveu um ensaio apelidado como a “bíblia” da homossexualidade no Brasil, por seu aspecto inaugural, o livro *Devassos no Paraíso*, não poderia jamais ficar indiferente a este problema. Foi também na qualidade de ex-seminarista³⁰ que ele retratou em sua ficção o conflito entre Igreja, religião e homoerotismo.

4.2 A QUEDA DO PARAÍSO

O Senhor Deus fez germinar do solo toda árvore de aspecto atraente e bom para comer, a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do que seja bom ou mau. (Gn, 2, 9).

“Poderás comer toda a árvore do jardim, mas não comerás da árvore do conhecimento do que seja bom ou mau, pois o dia em que dela comeres, tua morte estará marcada.”. (Gn 2, 6).

A serpente disse à mulher: “Não, vossa morte não está marcada. É que Deus sabe que no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e

²⁹ Igreja reconhece 789 vítimas de abusos em Boston, diz promotor. FSP 23/07/2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u60489.shtml>>. Acessada em 28/9/2006

³⁰ Nas crônicas de “Pedaço de mim”, ele nos revela: “Para o meu romance *Em nome do desejo*, fiz pesquisas sobre a vida de ex-seminaristas, a quem entrevistei. Como eu também estudei longo tempo em seminário, os fatos ficcionais ficaram tão entrelaçados que hoje tenho dificuldade em saber o que ali é meu, o que é dos outros. Por isso, é preciso tomar cuidado com os escritores. Eles têm necessidade de saquear.” TREVISAN, João Silvério. *O Escritor por ele mesmo*. In.: *Pedaço de mim*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 62.

sereis como deuses, possuindo o conhecimento do que seja bom ou mau. (Gn 3, 4-5).

O Senhor Deus disse: “Eis que o homem tornou-se como um de nós pelo conhecimento do que é bom ou mau. Agora, que ele não estenda a mão para colher também da árvore da vida, dela comer e viver para sempre!”. (Gn 3, 22).

A Bíblia – Gênesis³¹

Auerbach nos alerta, em seu *Mimesis*, que “o Velho Testamento, enquanto se ocupa do acontecer humano, domina todos os três âmbitos: lenda, relato histórico e teologia histórica exegética.”³² Com o objetivo de exemplificar a singularidade de estilos de dois grandes épicos igualmente antigos na história da humanidade, que são as *Escrituras Sagradas* e os livros de Homero, compara duas cenas famosas e importantes para os leitores: a do reconhecimento de Ulisses, quando volta para casa, com o sacrifício de Isaac, ordenado a Abraão por Deus. Auerbach destaca o caráter de mistério, profundidade e multiplicidade presente na *Bíblia*. Nela, descobrimos que

só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados; o que há entre eles é inconsistente; tempo e espaço são indefinidos e precisam de interpretação; os pensamentos e os sentimentos permanecem inexpressos: só são sugeridos pelo silêncio e por discursos fragmentários. O todo, dirigido com máxima e ininterrupta tensão para um destino e, por isso mesmo, muito mais unitário, permanece enigmático e carregado de segundos planos.³³

Daí a necessidade de interpretação do texto bíblico e também a razão de sua universalidade e atemporalidade, tanto quanto por seus atributos literários como extraliterários. Parte do que se lê é construída pelo arsenal cultural do exegeta, que, por mais preparado que seja, necessita, para que a leitura produza frutos, a crença de uma verdade incontestável:

³¹ *Bíblia*. Tradução Ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

³² AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 17-18.

³³ *Ibid*, p. 9.

A intenção religiosa condiciona uma exigência absoluta de verdade histórica. A história de Abraão e de Isaac não está melhor testificada do que a de Ulisses, Penélope e Euricléia; ambas são lendárias. Só que o narrador bíblico, o Eloísta, tinha de acreditar na verdade objetiva da história da oferenda de Abraão – a persistência das ordens sagradas da vida repousava na verdade desta história e de outras semelhantes.³⁴

Essas reflexões nos são muito úteis para pensarmos a questão da queda do paraíso, retratada no “Gênesis”, e a maneira como João Silvério Trevisan utiliza a fonte bíblica de modo a subverter a leitura de ordem canônica.

O pecado original ou a expulsão de Adão e Eva do paraíso representa a primeira transgressão à ordem divina e sua conseqüente punição: a queda. Mas o que reside nos vãos dos versículos e não é expresso direta e inteiramente no “Gênesis”? Qual a razão para Deus proibir que o homem conhecesse o bem e o mal, no caso, o fruto da árvore do conhecimento? Em nenhum momento isso é tratado com objetividade. Adão e Eva só têm a noção do próprio sexo ao morder o fruto proibido. E, somente após a queda no pecado, a expulsão do paraíso, o casal terá filhos, cumprindo, assim, o que Deus disse: “É com dor que hás de gerar filhos. Teu desejo te impelirá para teu homem, e este te dominará.”³⁵ Não sem *nonsense*, podemos aventar a possibilidade de que Adão e Eva, se não tivessem consciência da existência dos próprios genitais, não teriam tido condições de dar origem à humanidade. O que nos leva a interpretar também que há uma inevitabilidade na condução do mito de origem. Se não fosse o “destino” de Adão e Eva exatamente como o descrito na passagem do “Gênesis”, afinal, por que Deus plantaria as duas árvores no Éden?

Mas não é só isso. Há outro ponto de grande interesse. Sendo a *Bíblia* uma junção de livros sagrados em que predomina certa economia de elementos narrativos, tão bem exemplificada por Auerbach, qual seria a função da árvore da vida neste contexto? A justificativa da expulsão do paraíso se apresenta clara, está no receio de Deus em que Adão e Eva comessem o fruto da árvore da vida como comeram o da árvore do conhecimento. Se eles o fizessem, seriam então eternos. E, eternos, equivaleriam a Deus. É o mesmo motivo para a queda do Anjo Rebelde, o diabo, que desejava rivalizar com Deus no céu, tal qual John Milton nos narra em seu poema épico *O Paraíso Perdido*.

³⁴ *Ibid*, p. 11.

³⁵ *Bíblia*. Tradução Ecumênica, 1995. GN 3, 16.

É fato corriqueiro entre os teólogos que a história de Adão e Eva encontra sua matriz na tradição do Oriente próximo. Várias pesquisas arqueológicas demonstram aproximações “das primeiras páginas do ‘Gênesis’ e textos líricos, sapienciais ou litúrgicos da Suméria, da Babilônia, de Tebas ou de Ugarit.”³⁶ Todavia, as descobertas também revelam que o escriba – ou escribas, ninguém sabe exatamente – do “Gênesis” não simplesmente imitou suas fontes, mas as assimilou e adaptou dentro da tradição de fé do povo judeu. É uma leitura que se sobrepõe à outra.

Igualmente não se pode ignorar o paralelismo existente entre a história de Adão e Eva e o mito de Prometeu, que tem seu primeiro registro conhecido na *Teogonia*, de Hesíodo. Prometeu ocuparia, neste caso, um papel parecido com o da serpente. Filho do titã Jápeto, primo de Zeus, Prometeu assiste a briga entre os deuses definidos como titãs e olímpicos sem tomar partido. Zeus é o líder dos olímpicos e vence a batalha, destruindo seus adversários de raça. Prometeu é aceito no Olimpo. Decide se vingar do pai dos deuses quando é enviado à Terra para criar um ser diferente dos animais. Para isso, apanhou barro do chão, umedeceu sua massa e o esculpiu semelhante a um deus. Depois, modelou várias outras, emprestando-lhes a fidelidade do cavalo, a força do touro, a esperteza da raposa e a avidez do lobo. Minerva completaria o trabalho, fazendo com que sorvessem gotas de néctar e adquirissem espírito divino. Num banquete em que um boi seria dividido entre os deuses e a raça humana, Prometeu separou, de um lado, a carne para os homens e, do outro, os ossos escondidos por gordura, para Zeus. Ao notar que fora enganado, Zeus enfureceu-se contra os humanos e Prometeu. Como punição, privou os mortais do “fogo”.³⁷ Simbolicamente, o “fogo” equivalia à inteligência. O que significa dizer que Zeus imbecilizou os humanos. Mas Prometeu roubaria uma centelha do fogo celeste, privilégio de Zeus, e a levaria escondido para “reanimar” os homens. Sucede novamente uma punição do Olímpico. Zeus submeteu os humanos a todo tipo de desgraças por meio de uma mulher irresistível, Pandora. Prometeu foi acorrentado numa coluna do monte Cáucaso. Uma águia, enviada por Zeus, devoraria durante o dia seu fígado, que voltaria a crescer à noite.³⁸

Nas duas histórias, a mulher, Eva e Pandora, representa o desvio do homem de seu caminho para a felicidade. Sutilmente, afirma-se o desvio pelas vias do sexo e da sensualidade, pela desmedida do prazer. O conhecimento faz com que a humanidade enxergue

³⁶ GÊNESIS. *Introdução*. In.: Bíblia. Tradução Ecumênica, 1995. p. 10.

³⁷ PROMETEU. *Dicionário de Mitologia Greco-romana*. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p. 158.

³⁸ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume 1. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 166-167.

o seu sexo e sinta vergonha. O prazer sexual é punido com a dor – no caso de Eva – e com a desgraça – no caso de Pandora. Prometeu e a serpente, habitantes do espaço sagrado, Olimpo e Paraíso, terão castigos mais terríveis, a agonia renovável pelo período de trinta anos – ou trinta séculos, segundo outras versões do mito – no monte Cáucaso e o arrastar-se na terra e ter a cabeça pisada pela mulher. Zeus e Javé alimentavam desconfianças contra a humanidade e não a queriam imortal. É a consciência da mortalidade, o maior padecimento dos homens.

Interpretação, assimilação e apropriação são ferramentas de leitura e escrita que sucumbem com a noção de uma autoridade pura. É na mutabilidade do texto que reside sua sobrevida. O simulacro, e não a “verdade” dos filósofos, não a unicidade conceitual do objeto representado, mas sua multiplicidade, identificações e diferenças, o sinal da força da palavra que “realmente” representa, a imagem da potência. Imagem fálica. Imagem que fala. João Silvério Trevisan labora e reelabora a tradição literária, transformando-a e aperfeiçoando-a em seu mistério e no próprio espanto de estar vivo, conforme Valmir de Souza, em seu estudo *Leituras Especulares do Escritor João Silvério Trevisan*, onde analisa a influência da cultura escrita na formação do escritor e da obra³⁹:

De fato, Trevisan efetiva uma leitura intensiva da *Bíblia* usando sua estrutura, dando outro tratamento aos conteúdos religiosos. Em torno do eixo bíblico articulam-se os elementos relacionados às leituras do escritor que se constituem em contrapontos complementares a esse eixo.

Ao mesmo tempo, abandona sua própria autoridade para ser o outro, riscando sua assinatura para estabelecer um acordo com o leitor, celebrado por meio das vozes da grande comunidade de outros escritores como ele. Como eles, escritor e leitor. Escritores de livros sagrados. Escritores da vida:

Trevisan usa suas leituras para se *espelhar* nos autores, tendo em vista que escolhe um conjunto de produtores com um perfil temático semelhante ao seu. Faz referência também a outro autor que inventa outros autores, Fernando Pessoa, presente em seu repertório literário e que possui “*uma temática e uma vivência semelhante...*”⁴⁰

E:

³⁹ SOUZA, Valmir de. *Leituras Especulares do Escritor João Silvério Trevisan*. 1999. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – USP, 1999. p. 51.

⁴⁰ *Ibid*, p. 45.

Chama o leitor para fruir a sua obra, ao mesmo tempo que solicita sua resposta e participação. Seu argumento da liberdade do destinatário, que deverá ler sem constrangimentos, faz parte de uma estratégia de construção de uma imagem do leitor.⁴¹

No conto-matriz “Testamento de Jônatas deixado a David”⁴², a idéia do amor como mistério, algo que não se desvenda, é reforçada com uma analogia da Paixão de Cristo. A entrega à paixão passa a ser a revelação para se penetrar no mistério, descobrir a essência da vida e a razão da morte. É assim que o narrador, um jovem de 17 anos, e Marcelo, dois seminaristas, se apaixonam. Esta pequena peça narrativa, ambientada num seminário católico, será mais detalhadamente desenvolvida no romance *Em nome do desejo*, livro de maior “sucesso” comercial do escritor. Contudo, em minha percepção, o conto é muito mais criativo e vigoroso do que o romance. Ele alterna duas vozes em sua composição, uma em 1ª pessoa, que vive a ação, e outra em 3ª pessoa e em itálico, refletindo sobre este mesmo passado e o comentando. Esta sobreposição, no entanto, não objetiva facilitar a interpretação do leitor, pois é como se o narrador em terceira pessoa estivesse envolvido emocionalmente com a história, é uma voz lírica, seu próprio inconsciente⁴³. Observe-se, logo ao início, o encontro e efeito dessas vozes:

Ele entrou na capela quase pé-ante-pé, obedecendo aos movimentos daquilo que supunha chamar-se coração, e perguntava-se. Sentou-se no banco e com o coração procurava dizer: “Eu amo; quem sabe quem. Amo, indefinidamente. Estou pronto, Cristo. Amo Cristo. Mas quem é Cristo?”

⁴¹ *Ibid*, p. 12.

⁴² É espantoso que a editora Brasiliense tenha inserido o título “Interlúdio em San Vicente”, nome de outro conto que integra o volume, colocando o “verdadeiro” título entre parênteses e abaixo deste. Numa conversa informal que tive com Trevisan, este me revelou que o editor tomou a iniciativa absurda sem o consultar, provavelmente porque gostava do conto “Interlúdio...”, marcadamente mais político em sua abordagem histórica do exílio e da Ditadura Militar brasileira. Isso levou Valmir de Souza a adotar o falso título em seu trabalho. Contudo, o corpo do livro – a folha de rosto, falsa folha de rosto e o cabeçalho das páginas pares – não deixa dúvidas. O ato discricionário do editor reforça a violência de uma autoridade instituída.

⁴³ A voz do narrador, contudo, não interfere no enredo, como afirmou Valmir de Souza em seu estudo: “Esta voz exterior sugere uma interferência no enredo a partir do futuro.” O enredo segue em sua lógica de lembrança e não é alterado ou corrigido pela voz em 3ª pessoa e itálico. E, por mais que se presuma que seja este o momento em que o escritor decide romper com a Igreja, como Souza infere, a narrativa não marca este posicionamento pessoal, e, sim, a postura da personagem e nada além. SOUZA, 1999, p. 58.

Assim, entrei na capela devagarinho. Gostava de saborear longamente aqueles momentos onde tudo me invadia e eu me deixava invadir por tudo, pela luz sobretudo ou pelo clima indescritível de paz.⁴⁴

Amor e mistério estão novamente conjugados. A pergunta “quem é Cristo?” desloca a figura histórica de Jesus. Amar Deus e amar a Jesus corresponde a amar também a criação. Ama a seu próximo como a si mesmo, ensina o Evangelho. Para amar o Cristo é preciso amar o seu credo, seguir o seu exemplo, amando. Mas, quem é Cristo? Cristo seria o próprio amor? Amar o amor poderia ser uma resposta satisfatória?

Existia um Cristo sensual, quando eu entrava na capela e supunha senti-lo ali no sacrário, com a sensualidade dos grandes mistérios. Eu não sabia que Cristo era um sentimento e que naquela semana tal sentimento se exacerbava.⁴⁵

Era Semana Santa no seminário, quando, no rito católico, se celebra a morte e a ressurreição do Cristo. Na quinta-feira, na hora do almoço, o narrador ri do colega que deixa cair o prato de abobrinhas na batina. Era um caldo vermelho na batina negra. A imagem prosaica, de um ato prosaico, representa na cena o amor do narrador, ainda que inconsciente a essa altura. O negro da batina “tinha cor de festa”. O “caldo vermelho” mancharia com a cor do sangue e do amor o corpo do outro. O narrador ri e logo depois sente culpa. Em razão do incidente os protagonistas descobrem um ao outro. Marcelo, o dono da batina, se retirará do refeitório, zangado. É no recreio, onde “a vida parecia tomar seu curso normal”, que o narrador pedirá desculpas. Eles vão para o bosque, mesmíssimo lugar no qual o narrador meditava o Evangelho e se perguntava a respeito da essência do amor de Cristo. A sugestão da resposta fica evidente:

Ficamos longo tempo em silêncio. Ele não estava bravo. Era, ao contrário de mim, desses tipos que reagem rapidamente às sensações externas, rapidamente as digerem e seguem olhando o mundo outra vez, sem inquietação. Me perdoou sem problemas. Apesar de estamos na mesma classe, não nos conhecíamos bem. Talvez tivéssemos até um secreto respeito um pelo outro, mas nunca manifestávamos isso; quase não nos

⁴⁴ TREVISAN, João Silvério. *Testamento de Jônatas deixado a David*. In: *Testamento de Jônatas deixado a David*. São Paulo: Brasiliense, 1976, p. 85.

⁴⁵ *Ibid*, p. 86.

falávamos e parecia que não nos importávamos muito um com o outro. Fizemos essas descobertas enquanto conversávamos ali no bosque.⁴⁶

Na cerimônia de lava-pés, o narrador faz o papel de acólito do oficiante e ajuda o padre a lavar os pés dos seminaristas, representando os apóstolos. Marcelo é um deles. Após lavar os pés do amigo, eles se olham. Depois do jantar, fumam um cigarro juntos. Marcelo o compara a São João Evangelista, o predileto do Cristo. No Sábado de Aleluia, eles se abraçam para sagrar a Ressurreição, “ainda sem saber que já tínhamos iluminado o mistério, à nossa maneira.”⁴⁷ No domingo, passearam e tudo “cheirava a festa, a sol de abril”⁴⁸. Passaram a se ver todas as noites depois do jantar. Depois de um mês, viam-se pela manhã, tarde e noite. E, numa tarde, quando cuidavam da horta, o narrador se descobre apaixonado por Marcelo:

Eu estava apaixonado. Enquanto colhíamos as cenouras, eu remoia meu amor que dava voltas e me provocava vertigens. Parava o trabalho freqüentemente e olhava Marcelo, que construía cada gesto, o único Marcelo do mundo.⁴⁹

A paixão, no conto, não tem a simples conotação de “enamorar-se” pelo outro. Seu significado é mais profundo, religioso. Paixão, enquanto tormento crístico, momento de iluminação, provação. Paixão, enquanto descoberta dolorosa do amor do homem pelo homem. Paixão sensual, mas, igualmente espiritual.

Em oposição a este amor puro, livre e desinteressado, logo se sobrepõe a repressão clerical e a noção do desejo como algo pecaminoso, nefasto. O narrador se sentirá culpado:

Marcelo, entretanto, andava fogosamente nos cavalos, gritando pelos campos, atrás dos bezerros. Eu sofria porque não compreendia o desafio. Na mesma medida em que amava, sofria: na mesma intensidade.

— Marcelo, é que te amo mais do que esperava. E o pecado?⁵⁰

Para aliviar a sensação de culpa católica do narrador, Trevisan faz Marcelo interpretar um trecho da Bíblia, mais precisamente do Velho Testamento, que diz:

“A alma de Jônatas se uniu estreitamente à alma de David e Jônatas amou-o como à sua própria vida. E então, David e Jônatas contraíram

⁴⁶ *Ibid*, p. 87.

⁴⁷ *Ibid*, p. 88.

⁴⁸ *Ibid*, p. 88.

⁴⁹ *Ibid*, p. 89.

⁵⁰ *Ibid*, p. 90.

amizade, pois Jônatas o amava como a si mesmo. Jônatas tirou a túnica que vestia e deu-a a David com outras roupas suas, até mesmo sua espada, seu arco e seu cinto.”⁵¹

Era o suficiente para que os dois apaixonados percebessem que nada de impuro havia na expressão do seu amor, que o amor entre dois homens também era sagrado e belo:

Eu pensava e pensava: “Então, aqui está o amor que eu sempre procurei nos Evangelhos!” E lhe gritava entre risos:

— Não é verdade que Cristo amava assim também?

Marcelo sorria para mim, porque nunca duvidara, e apenas balançava a cabeça.⁵²

A paixão entre o narrador e Marcelo é traduzida por Trevisan como uma revelação, a intervenção divina como resposta para os questionamentos do jovem de 17 anos que ia ao bosque se perguntar da essência do amor de Cristo.

O mistério do amor de Cristo era amar como Deus mandou amar⁵³, como se amassem a si mesmos. Eles tiraram suas roupas e se tornaram um só, sendo dois, gozando do amor e do mistério de amar. Neste ponto, Trevisan congraça com Auerbach ao se referir à linguagem das Escrituras, comentando que a grandeza das *Sagradas Escrituras* estava no fato de terem criado uma espécie completamente nova de sublime, da qual nem o cotidiano nem o humilde ficavam excluídos.⁵⁴ De tal modo, corpo e espírito não se excluem do sublime, do sagrado.

Em “Testamento de Jônatas deixado a David”, a morte aparecerá simbolizada não pelo suicídio, como em alguns outros contos de Trevisan, mas pela censura autoritária que a Igreja fará aos dois seminaristas. Eles passarão a se encontrar no último andar do casarão, um velho depósito. Depois de algumas semanas, não tendo mais como esconder suas felicidades, serão surpreendidos pelo reitor enquanto se amavam, que disse: “Então, é verdade.” Marcelo respondendo: “É verdade, padre. Este é o amor de Cristo.”

Não é narrado o que acontece com os dois jovens a partir daí. Provavelmente, como em tantos outros contos do mesmo tema, a punição foi a expulsão.

Termina-se o conto com a voz do narrador no presente, afirmando que a beleza de se amar um homem só será descoberta pela paixão, eis aí o mistério.

⁵¹ *Ibid*, p. 91.

⁵² *Ibid*, p. 92.

⁵³ *Ibid*, p. 91.

⁵⁴ AUERBACH, 2002, p. 134.

O conto “Dois corpos que caem” também trabalha a noção de amor, mistério e perda. Nele, os diálogos são escritos com precisão. João e Antonio protagonizam um encontro absurdo. Ambos se atiraram de um edifício e, durante a queda, começam a conversar a respeito do motivo do suicídio, quase como duas crianças que acabam de se conhecer:

Por simples acaso, dois desconhecidos encontraram-se despencando juntos do alto do Edifício Itália, no centro de São Paulo.

— Oi — disse o primeiro, no alvoroçado início da queda. — Eu me chamo João. E você?

— Antonio — gritou o segundo, perfurando furiosamente o espaço.⁵⁵

Tal como vemos nas “Escrituras”, seu texto é direto e sustenta zonas de escuridão, lacunas, o discurso literário anunciado o estritamente necessário, permitindo que o leitor construa a imagem dos corpos, do edifício e da queda. O conto não possui mais do que 2 ou 3 laudas em suas 4 páginas.

João confessa que está se matando por amor. Ele, de olhos castanhos, foi trocado por um homem de olhos azuis. O atributo superficial, a cor dos olhos, basta como justificativa para a troca dos amantes. Antonio não estranha o motivo, não faz julgamentos, não se surpreende. Para ele, o amor ou o desamor é que não se apresenta como razão plausível para o ato extremo: “— E não lhe parece insensato destruir a vida por algo tão efêmero como o amor?”, pondera.

Apesar de deter-se na representação do amor entre homens, Trevisan não distingue a matéria deste amor, não o diferencia em relação ao possível amor entre homem e mulher, mulher e mulher. Quero dizer, ao contrário do que pensaram Valmir de Souza e Paulo César Venturelli⁵⁶ em seus estudos, que defendem o amor homossexual como uma “matriz ideológica” de Trevisan, o que percebo em seus contos é a problematização do amor enquanto fim. O que o autor não ignora, e nem podemos ignorar, é a realidade social que cerca, obstaculiza ou facilita, dependendo do meio, lugar e tempo, e interage para a vivência do amor entre iguais. Mas, daí, a afirmar que o amor é de outra espécie, de outra matéria, seria esvaziar a própria noção de amor, retirar o que é comum ao humano e tentar particularizá-lo numa outra raça. Minha reflexão caminha em orientação contrária, vejo nos contos de Trevisan um alinhamento e naturalização do homoerotismo em relação às demais práticas

⁵⁵ TREVISAN, João Silvério. *Dois corpos que caem*. In.: Troços & Destroços. Rio de Janeiro: Record, 1997. p.113.

⁵⁶ VENTURELLI, Paulo César. *A carne embriagada: uma leitura em torno de João Silvério Trevisan*. 1993. 222 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1993.

afetivo-eróticas. Ou seja, tirando a herança do preconceito religioso, sendo amor, pouco importa que um homem ame a outro homem ou a uma mulher. A idealização de Trevisan, antes, sacraliza o amor. Não um amor. Mas, o amor. Seja ele qual for. Sendo amor de gueis, não estará menos permeável aos problemas amorosos que vive o restante da humanidade. Pode ser viável ou inviável. De proporções negativas ou positivas. É por isso que João afirma:

O que na verdade me seduz é que o amor destrói certezas com a mesma incomparável transparência com que o caos significativo enfrenta a insignificância da ordem. Não, o amor não é solução para a vida. Mas é culminância. Morrer por ele me trouxe paz.⁵⁷

Antonio, contudo, tem outro motivo para se matar. Ao constatar a existência do divino, a transcendência, assusta-se com o que lhe é incompreensível:

— Me assustou descobrir um fiasco primordial: que a razão tem demônios que a própria razão desconhece. Daí, preferi mergulhar de vez no mistério.

— Sim, da razão conheço demasiados horrores. Mas que mistério é esse tão importante a ponto de merecer sua vida?

— Não sei — respondeu Antonio. — Mistério é mistério.⁵⁸

Mistério é mistério? E o desejo, será também um mistério? Algo que não se explica, matéria do sagrado? A única alternativa é aceitar que não se pode adentrar pelas vias da razão no universo do sublime. Deste modo, Antonio explica a João:

O fundamental no mistério é aguçar contradições, e não desvendar. Matar-me, por exemplo, é bom na medida que me torna parte do enigma e, de certo modo, o agudiza. Tem a ver com a fé, que gera energia para a vida. Ou para a história, quem sabe...⁵⁹

Quando João questiona o lugar do mistério, Antonio explica que o mistério está nele, que se mata para se coincidir consigo mesmo, mas está também em João, que demonstra fé impossível ao se matar por amor. E justifica o ato de João como uma paixão pelos abismos. O amor e a morte se definem, nesse diálogo, como abismos, mistérios absolutos. Eros e Thánatos, dois deuses. Amor e mistério, razões para a queda. Queda no precipício. Queda no

⁵⁷ TREVISAN, João Silvério. *Dois corpos que caem*. Troços & Destroços. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 114.

⁵⁸ *Idem*. 1997, p. 114-115.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 114-115..

desconhecido. Volta ao Paraíso. No Éden, homem e mulher não precisam desvendar, como não comeram o fruto da árvore do conhecimento, apenas fazem parte do mistério.

Há ainda outra referência à vida no seminário no conto “Nem Romeu nem Julieta”⁶⁰. Dois ex-seminaristas se reencontram num cinema de “pegação”, espaço urbano muito freqüentado por gueis não assumidos, que procuram sexo fácil e rápido. Dante é agora casado e vive no interior, o que facilita sua “aventura”. Eles vão para o apartamento do outro, que não tem seu nome revelado na história e só sabemos que é engenheiro e mora na cidade. Bebem vodca e uísque, conversam sobre o tempo do seminário. O engenheiro convida Dante para dormir lá. No meio da noite, ele confessa que sempre amou Dante desde quando eram adolescentes. Os meninos do seminário o chamavam de peixinho (alcunha para amancebado) de Dante, enquanto Dante era o peixinho do Padre Espiritual. Eles transam. No outro dia, cada um acorda num lugar. O engenheiro pergunta se Dante vai sempre ao mesmo cinema. Este diz que, sempre que vem à capital, é bom dar uma escapada. O engenheiro responde achar bom que Dante também “seja”. Acaba escutando a negação do outro, dizendo não ser “viado”, pois é casado, tem filhos e tudo, e não vai contar para ninguém, afinal compreende como são essas coisas. Dante vai embora. O engenheiro passa o dia pensativo. Já de noite, resolve voltar ao cinema.

O conto demonstra bem como a influência católica se faz presente na vida dos personagens mesmo depois que esses deixam a Igreja. Para Dante, basta-lhe o fato de ser casado para provar sua “masculinidade”. A culpa de que são revestidos inviabiliza o trânsito do amor. O nome do ex-seminarista que mora no interior também é muito sugestivo, é o mesmo nome do poeta italiano que escreveu o clássico *A Divina Comédia*, livro poético-religioso em que aparecem hierarquizadas as diversas qualidades de pecado, os níveis que ocupam nos círculos do Inferno e as diversas espécies de punição para o pecador.

Mesmo as personagens que não evidenciam uma fé judaico-cristã, nos contos de João Silvério Trevisan, também se tornam vítimas de um sentimento de culpa, por ousarem afirmar uma liberdade sexual diferente da norma instituída pela Igreja. Quando assumem uma identidade guei, o que equivale aqui a fazer uma confissão do amor masculino por homens, o *coming out*, resulta que ou elas são acometidas por uma náusea-doença ou provocam o mal-estar e a doença naqueles para quem se confessam. Serão resquícios de uma moral eclesiástica do autor? Ou a consciência de que este traço na tábua da memória ocidental não se pode

⁶⁰ TREVISAN, João Silvério. *Nem Romeu nem Julieta*. In: Testamento de Jônatas deixado a David. São Paulo: Brasiliense, 1976, p. 111-115.

apagar impunemente. A metáfora da doença e náusea, a meu ver, se relaciona nos contos de Trevisan com o imaginário da queda em razão do “pecado original”, pela conotação que o sexo adquire no relato do “Gênesis” – e lembremos ainda de Sodoma, cidade destruída por Deus, e que seu nome se tornou designativo, posteriormente, daqueles que praticavam o sexo anal – e das pragas liberadas pela caixa de Pandora, como castigo à humanidade pela traição de Prometeu.

É o que acontece com o jovem de 19 anos em “Cruel Revelação”⁶¹. A náusea e a vertigem como rejeição. Culpa. Pecado. Mal estar. Ele visita seu irmão mais velho, que sempre lhe serviu como exemplo, e o encontra com outro homem no apartamento. Trevisan procura distanciar-se do sentimentalismo para retratar a situação. O ponto de vista é daquele que ouviu a confissão. Ele procura Lúcia, uma amiga, para desabafar o acontecido, para minimizar o mal estar de sua homofobia. “Pois era isso, o nojo, impossível não ter nojo. Nojo filho-da-puta e total, porra como era possível que essa desgraça acontecera, maldita hora que entrei naquele apartamento.”⁶² Ao invés de utilizar o ponto de vista da personagem guei, aquele que sofre o preconceito, Trevisan investiga a perspectiva do que ouve a confissão. A carga dramática é forte. A lembrança segue um fluxo interior e embaralha o entendimento numa luta entre razão e instinto:

E então me falou tudo, assim de supetão, eu nunca na minha vida poderia pensar, me chamou de amigo, sim chamavam ele de mariquinha quando era pequeno. Lúcia, Lúcia, qué queu vou fazer?⁶³

É como se o afeto e a sexualidade do irmão assumido, que esperava pela compreensão do mais novo, interferissem na ordem dos sentidos do jovem. Ele passa mal e procura Lúcia, um amor mal resolvido. Depois há um corte. O jovem está no cinema, relembra novamente da conversa com o irmão, vai ao banheiro e se sente enjoado:

Pensou no irmão mais velho junto com aquela subida vertiginosa que o rasgava e fazia gemer, pensou que o irmão assim como quem vinha lá do abismo para a revelação maior, o irmão espumando, estranho e desconhecido, muito familiar, branco, sem cueca, sem pelos. Ah sim, o cheiro espremido lhe encheu os olhos de desmaio caindo, caindo,

⁶¹ *Idem. Cruel Revelação*. In: Testamento de Jônatas deixado a David. São Paulo: Brasiliense, 1976, p. 11-16.

⁶² *Ibid.*, p. 12.

⁶³ *Ibid.*, p. 12.

resvalando, pousando e então lembrou que estava ali no banheiro do cinema.⁶⁴

A mesma lógica de interiorização da queda, do pecado e da repressão estará presente em “O amigo do meu tio”⁶⁵. Tendo recebido a notícia que Zé Paulo, seu tio, casado, pai de 7 filhos, está cada vez mais deprimido, alcoólatra, isolando-se na biblioteca de casa, o sobrinho lembra de quando o visitou, antes de entrar na universidade, quando ainda tinha 14 anos. Nessa época, tinha apenas 3 filhos. O sobrinho supõe que a paz do lar começou a acabar no dia em que Zé Paulo recebeu o telefonema de Luizinho, um amigo antigo dos tempos da faculdade. Sobrinho e tio foram ao encontro deste amigo, um exilado político. Ao chegarem lá, os amigos se abraçaram calorosamente. O sobrinho começou a se sentir mal:

O homem era mais moço do que o tio e acho que estava quase chorando. Foi aí que comecei a me sentir mal do estômago, e foi assim de repente que comecei a sentir frio e vomitar. Nem vi a mulher do amigo nem os filhos. Me carregou o tio direto para um quarto que já estava pronto pra nós, ensolarado e limpinho. Então ficaram os dois ali me cuidando.”⁶⁶

À noite, prepararam uma festa de boas-vindas para Luizinho na casa. O menino se senta na porta, enrolado num cobertor, para olhar a festa. De repente, o tio está dançando com uma mulher e Luizinho, já bêbado, empurra a mulher e abraça Zé Paulo, que fala algo que faz o amigo começar a gritar e a abraçar o tio ainda mais forte. As pessoas os rodeavam quando a mulher de Luizinho chegou. É então que Luizinho declara seu amor por Zé Paulo: “— Eu sempre amei ele, como um louco. Qué que eu posso fazer?”⁶⁷. O sobrinho sai correndo para cama e ouve Luizinho mandar à merda mulher e filhos. A mulher, Júlia, chora. Levam Luizinho chorando para o quarto, isso sem darem conta da presença do sobrinho. Zé Paulo justifica para Júlia o gesto do amigo pela bebida. A mulher sai. Luizinho se levanta e tenta agarrar Zé Paulo, que o afasta, dizendo que já estão muito velhos para “aquilo”. Luizinho se deita chorando. O sobrinho não vê o tio, mas acredita que ele está chorando também. Zé Paulo agarra a cara molhada de Luizinho com força. Há um corte aqui, Trevisan não nos conta tudo. Teriam o tio e o amigo se amado? No outro dia, Zé Paulo e o sobrinho foram embora. O escritor não deixa escapar a oportunidade para ironizar: O tio diz ao narrador que não era preciso contar nada daquilo para a tia. É uma história terrivelmente triste. Os dois

⁶⁴ *Ibid*, p. 16

⁶⁵ *Idem*. *O amigo do meu tio*. In: Testamento de Jônatas deixado a David. São Paulo: Brasiliense, 1976, p. 17-22.

⁶⁶ *Ibid*, p. 19.

⁶⁷ *Ibid*, p. 21.

personagens não assumem sua paixão um pelo outro. Luizinho, quando o faz, está bêbado. E o sobrinho, à parte de tudo, sente a náusea a culpa enquanto testemunha muda.

A mesma situação será explorada com modo e conseqüências diferentes em “Tempos de Elvira Madigan”⁶⁸. Tato é médico e pela primeira vez vive um amor sem tensões, nem sentimento de culpa. É apaixonado por Marquinho e assume sua própria maneira de amar, louca, romântica, totalmente entregue, como nos filmes “Elvira Madigan” e “Le Debauché”:

Lembro que eu vivia a vida com fúria, o rei do mundo inteiro, derrubando as coisas de tanta energia produzida. Desde que eu finalmente aceitara minha própria maneira de amar, aquela que eu sempre tinha querido mesmo quando sentia medo.⁶⁹

(...)

Ambos (os filmes) me falavam de alguma coisa parecida com esse amor louco, sem barreiras, sem questões, sem objetivos além do próprio amor pelo qual se pode ser assassino ou herói; de tal modo que esse amor se confundiria com a vida mesma.⁷⁰

Marquinho representava para Tato a possibilidade do amor abarcar tudo, inclusive se assumir no seu meio. Quando Alcides, seu irmão mais novo, o procura para fazer uns exames médicos, ele resolve revelar a natureza de seu amor para o irmão. E o leva para uma sauna, para contar como aqueles corpos masculinos o fascinavam:

Sentados num canto da sala de repouso – depois dos banhos de sauna – e enquanto bebericávamos os refrescos, fui lhe contando com muita calma e segurança esse amor tão simples cuja explicação chegava a me parecer ridícula e desnecessária. Fui falando dos motivos, primeiro, limpando o terreno; expliquei a sexualidade humana como um leque aberto, uma inclinação não-dogmática. Falei-lhe de tudo o que já descobrira, até então, sobre os condicionamentos culturais que fazem os homens amarem apenas mulheres e as mulheres apenas homens – entre outras coisas.⁷¹

E desafia toda sua teoria da sexualidade humana, o entendimento de que a homossexualidade, assim como a heterossexualidade, é uma construção cultural. O irmão, no entanto, para sua surpresa, reage muito bem, nem questiona nada, pede apenas para conhecer

⁶⁸ *Idem. Tempos de Elvira Madigan*. In: Testamento de Jônatas deixado a David. São Paulo: Brasiliense, 1976, p. 121-130.

⁶⁹ *Ibid*, p. 122.

⁷⁰ *Ibid*, p. 123.

⁷¹ *Ibid*, p. 126.

Marquinho. Tato havia decidido não se enquadrar dentro dos valores burgueses da família, não colocar a família acima da hierarquia de importância emocional da sua vida, porém, a doçura e bondade de Alcides são tão grandes que o comovem. Alcides acha lindo o amor de Tato. Os três foram jantar juntos e depois dançar numa boate de “entendidos”. Esta harmonia dura pouco. Como se fosse uma punição do destino, rapidamente Tato descobre que Alcides está com câncer nos olhos, alijando Tato do amor e da solidariedade de Alcides. O câncer, segundo Susan Sontag, é uma doença marcada pela dessexualização: “Acredita-se que ele destrói a vitalidade, transforma o ato de comer num suplício e embota o desejo.”⁷² Sendo o medo do contágio um de seus maiores estigmas:

Metaforicamente, o câncer não é tanto uma doença do tempo quanto é do espaço. Suas principais metáforas referem-se à topografia (o câncer “se espalha” ou “prolifera” ou “se difunde”; os tumores são cirurgicamente “extirpados”), e sua consequência mais temida é a mutilação ou a amputação de uma parte do corpo.⁷³

Da mesma forma como está ligado ao excesso, que, na narrativa de “Revelação cruel”, pode ser interpretado como lubricidade. Sontag esclarece:

O câncer é uma doença da classe média, uma doença ligada à afluência, ao excesso. Os países ricos têm as mais altas taxas de incidência do câncer. E a crescente incidência do câncer é vista com resultante, em parte, de uma dieta rica em gordura e proteína (...)⁷⁴

E é Tato quem conta ao irmão, prometendo protegê-lo. O final do conto é muito belo e pungente. Quando Alcides vai para mesa de cirurgia, pede ao irmão que não o deixe morrer. Tato não mais o verá. Ele promete amar pelos dois, pela parte que acaba de perder e por si.

Sexo e câncer também estão associados à descoberta do desejo e do prazer na história de uma criança plenamente consciente da sua pulsão homoerótica, sua atração pelos homens. O título “Crianças”⁷⁵, grafado no plural, denota a abrangência da representação. Trevisan tenta demonstrar que é tão natural a expressão do desejo homoerótico nas crianças quanto a brincadeira de médico entre meninos e meninas. É a repressão sexual da família e da

⁷² SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 2002. p. 19.

⁷³ *Ibid*, p. 21.

⁷⁴ *Ibid*, p. 21.

⁷⁵ TREVISAN, João Silvério. *Crianças*. Troços & Destroços. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 9-25.

Igreja, enquanto controladores morais da sociedade, que criam “artificialmente” o sentimento de homofobia.

A narração corre em terceira pessoa. Para reforçar o caráter modelar do conto, Trevisan faz o narrador adotar um tom de criança e repetir a expressão “por exemplo”, como se fosse um cacoete de linguagem: “Ele, por exemplo, fazendo bonequinhos de cera”⁷⁶. “Por exemplo, gostava daquela saia velha”⁷⁷. “Era também de se divertir, por exemplo, com o concurso de Miss Brasil”⁷⁸. “Ou o cirquinho, por exemplo”⁷⁹ etc.

A feição de pluralidade é reforçada pelo fato do protagonista não possuir nome. A sexualidade infantil se manifestando em toda a sua força, sem assumir um nome próprio, indefinindo um lugar de direito, um único ego. A indeterminação facilitará o espelhamento do leitor e reconhecimento de histórias similares.

O garoto acreditará que tem câncer por causa das poluições noturnas, quando acorda com o pijama melado e uma sensação gostosa de não saber do quê:

Lavou de manhã cedo, escondeu da mãe. Após uma semana, o pijama outra vez. Aquele cheiro de peixe e a lambuzeira, que saía do pinto. Começou a ficar impressionado. Uma doença esquisita, desconhecida mesmo. Até que descobriu, numa conversa: tinha câncer. Era isso. Parou de comer. Não tinha dúvida. Porque o pinto ficava duro quando pensava no tio.⁸⁰

Esta representação do câncer e da náusea é retratada de modo bem diferente em relação a uma doença como a AIDS. Em “Altar de oferendas”⁸¹, Bruno é soropositivo e marca um encontro com Sara, um ex-amor que não via há vinte anos, para revelar sua doença e o quanto sua relação com o mundo havia mudado por causa disso. Narrado em terceira pessoa, ele é entrecortado por diálogos e flashbacks simultâneos, tempos sobrepostos e fluxo de consciência. Trevisan demonstra muita habilidade para conduzir o desenrolar da ação de uma maneira densa e empolgante, a cada momento nos presenteando com a lembrança e os detalhes que cercavam a vida dos dois amantes. Bruno escolheu Sara para ser a primeira pessoa a saber. Sara, uma ex-porra-louca, agora mulher casada e com filhos, fica sem ação.

⁷⁶ *Ibid*, p. 9.

⁷⁷ *Ibid*, p. 10.

⁷⁸ *Ibid*, p. 11.

⁷⁹ *Ibid*, p. 12.

⁸⁰ *Ibid*, p. 23.

⁸¹ *Idem*. *Dois corpos que caem*. Troços & Destroços. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 117-130.

Bruno se mostra completamente feliz com a doença, como se ela o houvesse tornado um deus, um místico. Só na morte compreendia a vida. E o amor, para ele, era um altar de oferendas. Todos os amantes. Todos os possíveis amantes. Duas confissões são articuladas: a de um amor que se recusa a ser enjaulado e classificado, e a confissão da contaminação de um vírus-libertador, a soropositividade. O desmonta a idéia reduzida de exclusividade de relacionamentos, de apagamento do passado, assim como também desmonta a rigidez das relações homoeróticas masculinas, um ideal guei ou de que o guei não é “homem” suficiente para transar com mulheres. Neste aspecto, o conto desconstrói todos os lugares comuns, recusando uma identidade fixa. Sara, na juventude, amou Bruno com todas as suas forças, até perceber que o amor dele não era exclusivo. Ela sente ciúmes e resolve fugir daquele amor:

E de repente, lá estava Bruno, entrando acompanhado. De um rapaz. Vinte, vinte e dois ou vinte e três anos? Não importa, um lindo rapaz, rapagão de rua, cabelos negros, pés grandes, lembra-se bem. Ficou do outro lado da rua, encolhida com um franguinho na chuva. Esperou. Esperou meia hora talvez. Quando ele afinal saiu, viu-a instantaneamente, por entre os poucos carros que passavam. Como Bruno lhe pareceu diferente, ao lado daquele rapaz, sob outra aura, ali no papel de traidor. (...) Nunca mais tinham se visto, desde aquele dia da traição.⁸²

Sara não sente náusea nem adoece. Longe de Bruno ela se torna outra pessoa. Uma “mulher de família”. Madame. Ela prefere negar para não sofrer. Passa vinte anos sem ver o pintor. E, quando o reencontra, descobre-o doente e feliz, agradecendo e pedindo perdão aos amores que teve, por não ter amado mais. Sara vai embora e, em casa, lembra-se que ao se despedir não beijara Bruno. Ela então passa a varrer a casa. Varre a casa para apagar a memória de Bruno, tentar “limpar” a dor e a dificuldade de lidar com aquela realidade: “Varreu a sala, os quartos, o banheiro, a cozinha. Durante o mês seguinte, todos os dias, aprender a varrer a casa. Iria varrer a casa. Iria varrer durante o tempo que fosse preciso, pensou.”⁸³

O processo de investigação de alguns temas existentes nas narrativas curtas aqui estudadas, fazendo uma leitura das relações de poder da Igreja existentes no universo ficcional de João Silvério Trevisan, leva-me a afirmar que seus personagens não assumem *uma* identidade guei de maneira ostensiva; ou seja, esses homens não se dizem gueis,

⁸² *Ibid*, p. 122.

⁸³ *Ibid*, p. 130.

assumem, sim, relações de amor que podem ou não também envolver mulheres, como no conto “Altar de oferendas” e “O amigo do meu tio”. É o seu núcleo social que procura enfeixá-los numa categoria fechada e redutora. Trevisan, antes, realiza um deslocamento do hetero-erotismo, da hetero-afetividade e da heteronormatividade. Ele dá dimensão humana para o homoerotismo, conferindo-lhe densidade e complexidade.

Por mais que as personagens dos contos de *Testamento de Jônatas deixado a Davd e Troços & Destroços* assumam uma conduta guei, por mais que pratiquem o homoerotismo, a liberdade que desfrutam é sempre relativa, está sempre problematizada num conflito social em que a herança moral da Igreja exerce uma terrível autoridade sobre o desejo e o afeto, propiciando a solidão, o desencontro, o medo e a violência traduzidos em homofobia, culpa e pecado.